

Proposta de Vernáculo para as Macroborboletas de Portugal continental

Projeto Dar Nome à Traça (DNAT)

Equipa: Catarina Silva; Isabel Cunha Soares; João Nunes e Paula Banza

Em parceria com a associação Biodiversity4all e revista Wilder.

Todos os nomes propostos pela equipa do DNAT contam com uma breve justificação do nome proposto. Os nomes obtidos a partir dos desafios ao público estão sinalizados com “DNAT” na coluna da justificação. O levantamento dos nomes já utilizados inclui sempre a(s) fonte(s). Deve-se ter em conta que o trabalho está a decorrer, pelo que a tabela só está preenchida nas linhas referentes às espécies já trabalhadas.

Saiba mais em: <https://www.reborboletasn.org/dar-nome-traca>

Espécie	Vernáculos Existentes	Proposta de Vernáculo	Justificação
<i>Triodia sylvina</i> (Linnaeus, 1761)			
<i>Korscheltellus lupulina</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Cossus cossus</i> (Linnaeus, 1758)	Traça-carpinteiro; traça-cabra; broca-vermelha (Biosani)		
<i>Dyspessa ulula</i> (Borkhausen, 1790)			
<i>Stygia australis</i> Latreille, 1804			
<i>Zeuzera pyrina</i> (Linnaeus, 1761)	Zeuzera; broca; traça-leopardo-da-madeira (Biosani)		
<i>Phragmataecia castaneae</i> (Hübner, 1790)			
<i>Hoyosia codeti</i> (Oberthür, 1883)			
<i>Heterogenea asella</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Axia margarita</i> (Hübner, 1813)	Mariposa-margarita (LVI)		
<i>Falcaria lacertinaria</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Watsonalla binaria</i> (Hufnagel, 1767)			A terminação das asas anteriores deste grupo de espécies (géneros <i>Watsonalla</i> e <i>Drepana</i>) lembra um gancho.
<i>Watsonalla uncinula</i> (Borkhausen, 1790)		Traça-gancho-comum	O restritivo desta espécie remete precisamente para o recorte das asas: <i>uncinus</i> = gancho. É a mais comum em Portugal do seu grupo.
<i>Drepana curvatula</i> (Borkhausen, 1790)			
<i>Cilix glaucata</i> (Scopoli, 1763)			
<i>Cilix algerica</i> Leraut, 2006			
<i>Cilix hispanica</i> De-Gregorio, Torruella, Miret, Casas & Figueras, 2002			
<i>Thyatira batis</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Habrosyne pyritoides</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Tethea ocularis</i> (Linnaeus, 1767)		Traça-oitenta	As marcas nas asas lembram facilmente o número 80. Tanto em francês como em inglês os vernáculos remetem para a mesma característica.
<i>Ochropacha duplaris</i> (Linnaeus, 1761)			
<i>Cymatophorina diluta</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Polyplocia ridens</i> (Fabricius, 1787)			
<i>Achlya flavicornis</i> (Linnaeus, 1758)		Flavicórnia-dos-vidoeiros	DNAT
<i>Chondrostega vandalicia</i> (Millière, 1865)		Traça-lebre	DNAT
<i>Poecilocampa populi</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Trichiura castiliana</i> Spuler, 1908			
<i>Trichiura ilicis</i> (Rambur, 1866)			
<i>Malacosoma neustria</i> (Linnaeus, 1758)	Traça-de-Libré; lacaia-europeia (Biosani)		
<i>Malacosoma castrensis</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Malacosoma alpicola</i> Staudinger, 1870			
<i>Eriogaster rimicola</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Lasiocampa trifolii</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)	Trifoli (Biodiversity4all)	Traça-lanuda-menor	Tanto a fase larvar como a fase adulta possuem um aspeto felpudo. Esta espécie é mais pequena que a sua congénere.
<i>Lasiocampa quercus</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Macrothylacia rubi</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Macrothylacia digramma</i> Meade-Waldo, 1905	Borboleta-urso-mediterrânica (PSeP)		
<i>Streblote panda</i> Hübner, 1820			

Gufria limosa (de Villiers, 1827)			
Psilogaster loti (Ochsenheimer, 1810)	Traça-dos-sargaços (Biodiversity4all)		
Phyllodesma kermesifolia (Lajonquière, 1960)		Traça-folha-corada	As borboletas deste género fazem lembrar folhas caídas no solo. Essa similaridade está patente no prefixo do nome do género - phyllo = folha. O prefixo do restritivo desta espécie remete para o corante vermelho extraído de cochonilhas.
Phyllodesma ilicifolia (Linnaeus, 1758)			
Phyllodesma suberifolia (Duponchel, 1842)		Traça-folha-de-sobro	Em sintonia com o restritivo específico e também com os tons da espécie, em geral muito semelhantes aos da página inferior das folhas de sobreiro.
Gastropacha quercifolia (Linnaeus, 1758)			
Odonestis pruni (Linnaeus, 1758)			
Lemonia dumi (Linnaeus, 1761)			
Lemonia philopalus (Donzel, 1842)			
Saturnia pyri (Denis & Schiffermüller, 1775)	Pavão-noturno (Biodiversity4all) Borboleta-grande-pavão-noturno		
Saturnia pavonia (Linnaeus, 1758)	Borboleta-pavão-noturno-pequena (PSeP); Traça-imperador-pequena (Biosani)		
Marumba quercus (Denis & Schiffermüller, 1775)	Borboleta-esfinge-do-carvalho (PSeP)		
Mimas tiliae (Linnaeus, 1758)	Esfinge-da-tilia (Biodiversity4all)		
Smerinthus ocellata (Linnaeus, 1758)	Esfinge-ocelada (Biodiversity4all)	Esfinge-ocelada	Considerou-se o nome já existente.
Laothoe populi (Linnaeus, 1758)	Esfinge-dos-choupos (Biodiversity4all)		
Agrius convolvuli (Linnaeus, 1758)	Esfinge-trepadeira (Biodiversity4all) Traça-falcão-da-batata-doce (Biosani)		
Agrius cingulata (Fabricius, 1775)			
Acherontia atropos (Linnaeus, 1758)	Esfinge-caveira (Biodiversity4all) Borboleta-caveira	Esfinge-caveira	Considerou-se o nome já existente.
Sphinx ligustri Linnaeus, 1758			
Sphinx maurorum (Jordan, 1931)			
Hemaris fuciformis (Linnaeus, 1758)	Borboleta-colibri-anelada (PSeP)		
Macroglossum stellatarum (Linnaeus, 1758)	Esfinge-colibri (Biodiversity4all)		
Proserpinus proserpina (Pallas, 1772)	Esfingídeo-dos-epilóbios (Biodiversity4all)		
Hyles euphorbiae (Linnaeus, 1758)	Esfinge-da-eufórbia (Biodiversity4all)		
Hyles livornica (Esper, 1780)	Borboleta-colibri-riscada (Biodiversity4all)		
Deilephila elpenor (Linnaeus, 1758)	Mariposa-elefante (Biodiversity4all)		
Deilephila porcellus (Linnaeus, 1758)	Mariposa-elefante-menor (Biodiversity4all)		
Hippotion celerio (Linnaeus, 1758)	Esfinge-da-parreira (Biodiversity4all) Esfinge-da-videira	Esfinge-da-videira	Considerou-se o nome já existente.
Idaea litigiosaria (Boisduval, 1840)			Consideramos o nome utilizado pelos franceses, baseado no nome do género homónimo agora sinonimizado com Idaea, muito associado à mitologia grega, para agrupar este vasto género e outros relacionados (Scopula e Brachyglossina).
Idaea sardonata (Homberg, 1912)			
Idaea lusohispanica Herbulot, 1991			
Idaea mediaria (Hübner, 1819)			
Idaea consanguiberica Rezbanyai-Reser & Expósito, 1992			
Idaea sericeata (Hübner, 1813)			
Idaea macilentaria (Herrich-Schäffer, 1847)		Acidália-macilenta	O nome proposto remete para o aspeto da borboleta e para o restritivo da espécie, simultaneamente.
Idaea ochrata (Scopoli, 1763)			
Idaea luteolaria (Constant, 1863)			
Idaea figuraria (Bang-Haas, 1907)			
Idaea mustelata (Gumpfenberg, 1892)		Acidália-maculada	Propomos o nome maculada, descrevendo assim as características manchas castanhas nas asas anteriores.
Idaea nigrolineata (Chrétien, 1911)			
Idaea alicantaria (Reisser, 1963)			
Idaea laevigata (Scopoli, 1763)			

Idaea efflorata Zeller, 1849			
Idaea attenuaria (Rambur, 1833)			
Idaea alyssumata (Himmighoffen & Millièrre, 1871)			
Idaea barbuti Tautel & Lévêque, 2013			
Idaea moniliata (Denis & Schiffmüller, 1775)			
Idaea circuitaria (Hübner, 1819)			
Idaea incisaria (Staudinger, 1892)		Acidália-incisada	Remetendo para o epíteto específico.
Idaea calunetaria (Staudinger, 1859)			
Idaea belemiata (Millière, 1868)		Acidália-estival	Considerando o seu período de voo.
Idaea elongaria (Rambur, 1833)			
Idaea obsoletaria (Rambur, 1833)		Acidália-obsoleta	Em concordância com o epíteto da espécie, o nome proposto pretende também descrever o aspeto pouco exuberante desta espécie.
Idaea biselata (Hufnagel, 1767)			
Idaea inquinata (Scopoli, 1763)			
Idaea blaesii Lenz & Hausmann, 1992			
Idaea fuscovenosa (Goeze, 1781)			
Idaea robiginata (Staudinger, 1863)			
Idaea lutulentaria (Staudinger, 1892)			
Idaea humiliata (Hufnagel, 1767)			
Idaea bigladiata Herbulot, 1975			
Idaea politaria (Hübner, 1799)			
Idaea longaria (Herrich-Schäffer, 1852)		Acidália-longada	O nome proposto remete para o aspeto da borboleta e para o restritivo da espécie, simultaneamente.
Idaea nexata (Hübner, 1813)		Acidália-minuta	A proposta faz jus ao reduzidíssimo tamanho da espécie face às suas congéneres.
Brachyglossina manicaria (Herrich-Schäffer, 1851)			
Idaea joannisiata (Homberg, 1911)			
Idaea minuscularia (Ribbe, 1912)			
Idaea carvalhoi Herbulot, 1979			
Idaea subsaturata (Guenée, 1858)			
Idaea dimidiata (Hufnagel, 1767)			
Idaea fractilineata (Zeller, 1847)			
Idaea subsericeata (Haworth, 1809)		Acidália-branca	Sendo uma das acidálias mais comuns em Portugal, propomos um nome simples referente à sua cor predominante.
Idaea cervantaria (Millière, 1869)			
Idaea contiguaria (Hübner, 1799)			
Idaea deitanaria (Reisser & Weisert, 1977)			
Idaea rhodogrammaria (Püngeler, 1913)		Acidália-rosada	Apesar de não ser a cor predominante, o rosa é a cor característica desta espécie.
Idaea infirmaria (Rambur, 1833)		Acidália-infirme	Dada a sua variabilidade, e remetendo para o seu epíteto específico, propomos o nome de infirme.
Idaea eugeniata (Dardoin & Millière, 1870)			
Idaea predotaria (Hartig, 1951)			
Brachyglossina exilaria (Guenée, 1858)		Acidália-mediterrânica	A sua distribuição na Península Ibérica está associada à influência mediterrânica.
Idaea ostrinaria (Hübner, 1813)		Acidália-púrpura	É a única espécie de Portugal continental deste grupo que apresenta esta cor. Nalguns indivíduos o padrão é integralmente púrpura.
Idaea dromikos Hausmann, 2004			
Idaea simplicior (Prout, 1934)			
Idaea aversata (Linnaeus, 1758)			
Idaea rubraria Staudinger, 1901			
Idaea degeneraria (Hübner, 1799)		Acidália-degenerada	Remetendo para o contraste entre a parte superior e inferior do padrão, e em sintonia com o restritivo específico, propomos o nome de degenerada.
Idaea straminata (Borkhausen, 1794)			
Idaea deversaria (Herrich-Schäffer, 1847)			
Brachyglossina hispanaria (Püngeler, 1913)			
Cleta ramosaria (de Villers, 1789)			
Anthometra plumularia Boisduval, 1840			
Scopula immorata (Linnaeus, 1758)			Propomos também o nome de acidálias para as espécies do género Scopula. Na língua inglesa e francesa o vernáculo relativo a Idaea é também partilhado com Scopula.
Scopula nigropunctata (Hufnagel, 1767)			

Scopula ornata (Scopoli, 1763)		Acidália-ornamentada	O nome proposto remete para o aspeto da borboleta, em particular para a bordadura do padrão, e para o restritivo da espécie.
Scopula submutata (Treitschke, 1828)		Acidália-polvilhada	Distingue-se das suas congéneres pela presença de um ruído de escamas cinzentas sobre o padrão.
Scopula decorata (Denis & Schiffermüller, 1775)		Acidália-decorada	O nome proposto remete para o aspeto da borboleta, em particular para a bordadura do padrão, e para o restritivo da espécie.
Scopula rubiginata (Hufnagel, 1767)			
Scopula turbidaria (Hübner, 1819)		Acidália-turva	Em alinhamento com o restritivo da espécie, propomos o nome de turva.
Scopula decolor (Staudinger, 1898)		Acidália-decolorada	O nome proposto remete para o aspeto da borboleta e para o restritivo da espécie, simultaneamente.
Scopula rubellata (Staudinger, 1871)			
Scopula marginepunctata (Goeze, 1781)			
Scopula imitaria (Hübner, 1799)			
Scopula emutaria (Hübner, 1809)			
Scopula minorata (Boisduval, 1833)		Acidália-minorada	Face às espécies mais próximas, esta espécie é notoriamente mais pequena.
Scopula rufomixtaria (Graslin, 1863)			
Scopula asellaria (Herrich-Schäffer, 1847)			
Rhodostrophia vibicaria (Clerck, 1759)			
Rhodostrophia calabra (Petagna, 1786)			
Timandra comae Schmidt, 1931	Borboleta-veia-de-sangue (PSeP)		
Cyclophora pendularia (Clerck, 1759)			O nome científico do género faz referência às marcas circulares que várias espécies deste grupo apresentam. Nesse sentido, propomos o nome de aneladas para este género.
Cyclophora albipunctata (Hufnagel, 1767)			
Cyclophora lennigiaria (Fuchs, 1883)			
Cyclophora serveti Redondo & Gastón, 1990	Mariposa-serveti (LVI)		
Cyclophora pupillaria (Hübner, 1799)		Anelada-comum	É a espécie mais comum e mais bem distribuída em Portugal deste género.
Cyclophora ruficiliaria (Herrich-Schäffer, 1855)			
Cyclophora quercimontaria (Bastelberger, 1897)			
Cyclophora porata (Linnaeus, 1767)			
Cyclophora hyponoea (Prout, 1935)			
Cyclophora punctaria (Linnaeus, 1758)			
Cyclophora suppunctaria (Zeller, 1847)			
Cyclophora linearia (Hübner, 1799)			
Rhodometra sacraria (Linnaeus, 1767)	Traça-vestal (Biodiversity4all; PSeP)	Traça-vestal	Considerou-se o nome já existente.
Lythria purpuraria (Linnaeus, 1758)			
Lythria sanguinaria (Duponchel, 1842)			
Cataclysmes rigata (Hübner, 1813)			
Cataclysmes uniformata (Bellier, 1862)			
Scotopteryx luridata (Hufnagel, 1767)		Cintada-dos-brejos	Em referência ao destaque que a zona mediana tem no padrão nas espécies deste género, e considerando o seu razoável tamanho, estas espécies foram nomeadas de cintadas (outros géneros serão agrupados sob o nome de cintadinhas). Devido ao habitat preferencial desta espécie, atribuiu-se o nome de cintada-dos-brejos.
Scotopteryx mucronata (Scopoli, 1763)			
Scotopteryx coelinaria (Graslin, 1863)		Cintada-do-outono	Dado o pico de atividade desta espécie na fase adulta coincidir com a estação do outono, ao contrário das restantes congéneres, optou-se por referir essa sazonalidade no vernáculo proposto.
Scotopteryx peribolata (Hübner, 1817)		Cintada-nortibérica	Tratando-se de um elemento atlanto-mediterrânico de distribuição global restrita à metade norte da Península Ibérica, inclui-se uma referência a essa exclusividade geográfica na proposta.
Scotopteryx chenopodiata (Linnaeus, 1758)		Cintada-castanha	Apresentando um padrão dominado por tons castanhos, característica que a separa das restantes congéneres nacionais, nomeou-se esta espécie de cintada-castanha.
Orthonama obstipata (Fabricius, 1794)		Falena-dimórfica	Em alinhamento com o vernáculo francês Phalène, propomos a palavra já existente falena para designar várias espécies de geometrídeos da subfamília Larentiinae. Propomos o nome de dimórfica para esta espécie em referência ao seu acentuado dimorfismo sexual.
Xanthorhoe fluctuata (Linnaeus, 1758))		Falena-comum	Amplamente distribuída em Portugal continental e com um período de voo que se estende a todos os meses do ano.
Xanthorhoe ferrugata (Clerck, 1759)			

Xanthorhoe designata (Hufnagel, 1767)			
Xanthorhoe iberica (Staudinger, 1901)			
Catarhoe basochesiata (Duponchel, 1831)			
Catarhoe cuculata (Hufnagel, 1767)			
Catarhoe rubidata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Costaconvexa polygrammata (Borkhausen, 1794)			
Camptogramma bilineata (Linnaeus, 1758)		Apara-de-lápis	DNAT
Epirrhoe alternata (Müller, 1764)			
Epirrhoe galiata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Epirrhoe sandosaria (Herrich-Schäffer, 1852)			
Euphyia biangulata (Haworth, 1809)			
Euphyia unangulata (Haworth, 1809)			
Euphyia frustata (Treitschke, 1828)			
Earophila badiata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Anticlea derivata (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-lilás	DNAT
Larentia clavaria (Haworth, 1809)			
Larentia malvata (Rambur, 1833)			
Entephria cyanata (Hübner, 1809)			
Entephria caeruleata (Guenée, 1858)			
Hydriomena furcata (Thunberg, 1784)			
Hydriomena impluviata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hydriomena ruberata (Freyer, 1831)			
Pennithera firmata (Hübner, 1822)			
Thera obeliscata (Hübner, 1787)			
Thera cupressata (Geyer, 1831)	Traça-do-cipreste (doi.org/10.57065/shilap.414)		
Plemyria rubiginata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Electrophaes corylata (Thunberg, 1792)			
Cosmorhoe ocellata (Linnaeus, 1758)			
Gandaritis pyraliata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Ecliptopera silaceata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Chloroclysta siterata (Hufnagel, 1767)			
Chloroclysta miata (Linnaeus, 1758)			
Dysstroma citrata (Linnaeus, 1761)			
Dysstroma truncata (Hufnagel, 1767)			
Colostygia hilaritata (Pinker, 1953)			
Colostygia olbiaria (Millière, 1865)			
Colostygia pectinataria (Knoch, 1781)			
Nebula ibericata (Staudinger, 1871)		Falena-nebulosa	Com base no nome do gênero e em concordância com o seu padrão.
Operophtera brumata (Linnaeus, 1758)	Traça-de-inverno (Biosani)		
Epirrita dilutata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Asthena albulata (Hufnagel, 1767)		Anéis-de-bétula	DNAT
Hydrelia flammeolaria (Hufnagel, 1767)			
Philereme transversata (Hufnagel, 1767)			
Philereme vetulata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hospitalia flavolineata (Staudinger, 1883)			
Triphosa tauteli Leraut, 2008			
Horisme scorteata (Staudinger, 1901)			
Odezia atrata (Linnaeus, 1758)		Traça-viúva	DNAT
Mesotype didymata (Linnaeus, 1758)			
Perizoma hydrata (Treitschke, 1829)			
Perizoma lugdunaria (Herrich-Schäffer, 1855)			
Perizoma bifaciata (Haworth, 1809)			
Perizoma albulata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Perizoma flavofasciata (Thunberg, 1792)			
Gymnoscelis rufifasciata (Haworth, 1809)		Traça-flores-comum	Considerando não só a sua semelhança com várias espécies do gênero Eupithecia, semelhança essa que se estende ao detalhe da ecologia da larva que baseou o nome proposto para esse gênero, mas

			também que é uma espécie particularmente comum, propomos o nome traça-flores-comum.
Chloroclystis v-ata (Haworth, 1809)		Verdinha-dos-vês	DNAT
Pasiphila rectangulata (Linnaeus, 1758)			
Eupithecia tenuiata (Hübner, 1813)			Tendo em consideração que uma parte significativa das espécies deste género tem como principal recurso alimentar na fase larvar flores, propomos o nome de traça-flores para este grupo.
Eupithecia pulchellata Stephens, 1831			
Eupithecia pyreneata Mabille, 1871			
Eupithecia laquaearia Herrich-Schäffer, 1848		Traça-flores-matreira	A facilidade com que pode passar despercebida entre exemplares doutras espécies semelhantes é um detalhe que destacamos.
Eupithecia ultimaria Boisduval, 1840		Traça-flores-da-tamargueira	A espécie alimenta-se de tamargueira na fase larvar.
Eupithecia pantellata Millière, 1875		Traça-flores-laranja	A cor laranja é característica desta espécie.
Eupithecia venosata (Fabricius, 1787)			
Eupithecia schiefereri Bohatsch, 1893			
Eupithecia alliarda Staudinger, 1870			
Eupithecia cocciferata Millière, 1864			
Eupithecia abbreviata Stephens, 1831			
Eupithecia dodoneata Guenée, 1858			
Eupithecia massiliata Millière, 1865		Traça-flores-da-azinheta	A espécie alimenta-se de carvalhos na fase larvar. Como em Portugal ocorre em zonas onde os carvalhos que dominam são o sobreiro, a azinheta e o carrasco, propusemos associar uma das plantas que ainda não tivesse associada a outra traça-flores.
Eupithecia extremata (Fabricius, 1787)			
Eupithecia scopariata (Rambur, 1833)			
Eupithecia phoeniceata (Rambur, 1834)			
Eupithecia oxycedrata (Rambur, 1833)			
Eupithecia rosmarinata Dardoin & Millière, 1865			
Eupithecia liguriata Millière, 1884			
Eupithecia nanata (Hübner, 1813)			
Eupithecia innotata (Hufnagel, 1767)			
Eupithecia breviculata (Donzel, 1837)			
Eupithecia irriguata (Hübner, 1813)		Traça-flores-do-sobreiro	A espécie alimenta-se de carvalhos na fase larvar. Como em Portugal ocorre em zonas onde os carvalhos que dominam são o sobreiro, a azinheta e o carrasco, propusemos associar uma das plantas que ainda não tivesse associada a outra traça-flores.
Eupithecia extraversaria Herrich-Schäffer, 1852			
Eupithecia centaureata (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-flores-da-centáurea	Apesar de se alimentar de várias espécies de herbáceas na fase larvar, propusemos indicar o grupo de plantas na origem do seu epíteto específico no vernáculo.
Eupithecia gratiosata Herrich-Schäffer, 1861		Traça-flores-formosa	Em alinhamento com o restritivo da espécie, que indica que é uma espécie favorecida, o que se verifica face ao contraste com o padrão mais simples de muitas das suas congéneres, avançamos com o nome de formosa.
Eupithecia absinthiata (Clerck, 1759)			
Eupithecia assimilata Doubleday, 1856			
Eupithecia vulgata (Haworth, 1809)			
Eupithecia weissi Prout, 1938			
Eupithecia millefoliata Rössler, 1866			
Eupithecia spadiceata Zerny, 1933			
Eupithecia icterata (de Villers, 1789)			
Eupithecia semigraphata Bruand, 1850			
Eupithecia subfuscata (Haworth, 1809)			
Amygdaloptera testaria (Fabricius, 1794)			
Aplocera plagiata (Linnaeus, 1758)			
Aplocera efformata (Guenée, 1858)			
Aplocera praeformata (Hübner, 1826)			
Chesias legatella (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Chesias rufata (Fabricius, 1775)			
Chesias isabella Schawerda, 1915			
Lithostege griseata (Denis & Schiffermüller, 1775)			

Minoa murinata (Scopoli, 1763)			
Lobophora halterata (Hufnagel, 1767)			
Acasis viretata (Hübner, 1799)		Traça-oliva	DNAT
Trichopteryx carpinata (Borkhausen, 1794)			
Myinodes interpunctaria (Herrich-Schäffer, 1839)			
Abraxas grossulariata (Linnaeus, 1758)			
Abraxas sylvata (Scopoli, 1763)			
Abraxas pantaria (Linnaeus, 1767)	Traça-do-freixo (Biosani)		
Lomaspilis marginata (Linnaeus, 1758)			
Stegania trimaculata (de Villers, 1789)		Traça-trimaculada	Em sintonia com o epíteto específico. Apesar de não ser visível nos exemplares mais marcados, esta apresenta em geral três manchas na margem externa das asas anteriores.
Macaria notata (Linnaeus, 1758)			
Macaria alternata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Macaria liturata (Clerck, 1759)			
Macaria artesiaria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Chiasmia clathrata (Linnaeus, 1758)			
Chiasmia aestimaria (Hübner, 1809)			
Digrammia rippertaria (Duponchel, 1830)			
Rhoptria asperaria (Hübner, 1817)		Traça-fuligem	Apesar de ser uma espécie algo variável, o negro é sempre um tom muito presente no seu padrão.
Isturgia famula (Esper, 1787)	Borboleta-das-giestas-comum (PSeP)		
Isturgia miniosaria (Duponchel, 1829)			
Isturgia deerraria (Walker, 1861)		Traça-acácia	As suas principais plantas hospedeiras conhecidas são as acácias.
Isturgia murinaria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Acanthovalva inconspicua (Hübner, 1819)			
Itame vincularia (Hübner, 1813)		Traça-virgulina	Esta borboleta apresenta duas manchas escuras nas asas anteriores semelhantes a vírgulas.
Neognopharmia stevenaria (Boisduval, 1840)		Umbra-do-pomar	Apesar de não ser uma espécie muito próxima das restantes umbras, propomos o mesmo nome tendo em conta a semelhança do padrão. Na fase larvar alimenta-se de rosáceas lenhosas.
Petrophora chlorosata (Scopoli, 1763)			
Perigune convergata (de Villers, 1789)			
Perigune narbonea (Linnaeus, 1767)			
Plagodis dolabraria (Linnaeus, 1767)			
Pachynemia hippocastanaria (Hübner, 1799)			
Pachynemia tibiaria (Rambur, 1829)			
Opisthograptis luteolata (Linnaeus, 1758)			
Epione repandaria (Hufnagel, 1767)			
Pseudopanthera macularia (Linnaeus, 1758)			
Toulgoetia cauteriata (Staudinger, 1859)			
Ennomos alniaria (Linnaeus, 1758)		Guerreira-dos-amieiros	Ennomus, nome do qual deriva este género, foi um guerreiro da mitologia grega. A posição de repouso típica destas espécies pode ser considerada visualmente aguerrida e daí ter sido considerado o nome guerreira. A associação aos amieiros advém do epíteto específico da espécie (alniaria) fazer referência a uma das suas plantas hospedeiras - o amieiro (Alnus glutinosa).
Ennomos fuscantaria (Haworth, 1809)		Guerreira-dos-freixos	A associação aos freixos advém de esta ser a principal planta hospedeira desta espécie.
Ennomos erosaria (Denis & Schiffermüller, 1775)		Guerreira-das-florestas	Na ausência de uma espécie ou género de árvores das quais se retira uma relação direta com a biologia ou etimologia do nome da espécie de borboleta, como acontece nas restantes do género, associou-se esta guerreira ao seu habitat preferencial - áreas florestais.
Ennomos quercaria (Hübner, 1813)		Guerreira-dos-carvalhos	A associação aos carvalhos advém do epíteto específico da espécie (quercaria) fazer referência às únicas árvores de que depende na fase larvar (Quercus spp.).
Selenia dentaria (Fabricius, 1775)			
Selenia lunularia (Hübner, 1788)			
Selenia tetralunaria (Hufnagel, 1767)			
Crocallis tusciaria (Borkhausen, 1793)		Máscara-toscana	A estrutura comum do padrão deste género de borboletas, que pode ser sintetizada em duas linhas transversais paralelas com um ponto discal em cada casa asa anterior, lembra uma mascarilha/máscara. A sua associação à região italiana da Toscânia/Toscana provém da etimologia

			do epíteto específico. Foi descrita com base em exemplares colhidos nessa região.
Crocallis albarracina Wehrli, 1940		Máscara-ibérica	Tratando-se de um endemismo ibérico, sugere-se esse destaque no nome da espécie.
Crocallis elinguaría (Linnaeus, 1758)		Máscara-isabelina	É uma espécie muito semelhante à máscara-ibérica (Crocallis albarracina) mas com uma distribuição mundial mais alargada. O termo isabelina pretende fazer referência à sua cor característica que a permite separar das restantes congêneres, à exceção da já referida.
Crocallis dardoinaria Donzel, 1840		Máscara-lampeira	Em comparação com a maioria das suas congêneres, consideradas essencialmente outonais, esta espécie tende a aparecer mais cedo do ano. O termo lampeira pretende apontar essa característica.
Crocallis auberti Oberthür, 1883		Máscara-moura	Esta espécie está globalmente restrita ao sul da Península Ibérica, Sicília e norte de África. A sua distribuição meridional e tom geralmente moreno levaram à proposta do nome.
Ourapteryx sambucaria (Linnaeus, 1758)			
Colotois pennaria (Linnaeus, 1761)		Traça-pluma-pontuada	DNAT
Alsophila aescularia (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Alsophila aceraria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Apocheima hispidaria (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-hispi	DNAT
Phigalia pilosaria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Lycia hirtaria (Clerck, 1759)			
Biston strataria (Hufnagel, 1767)			
Biston betularia (Linnaeus, 1758)			
Apochima flabellaria (Heeger, 1848)			
Chemerina caliginearia (Rambur, 1833)			
Agriopis leucophaearia (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Agriopis bajaria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Agriopis aurantiaria (Hübner, 1799)			
Agriopis marginaria (Fabricius, 1776)			
Erannis defoliaria (Clerck, 1759)			
Dasyteroma thaumasia Staudinger, 1892			
Athrolopha pennigeraria (Hübner, 1813)			
Eurranthis plummistaria (de Villers, 1789)			
Nychiodes andalusaria Staudinger, 1892			Na língua francesa existe um termo que aglomera várias espécies de geometrídeos geralmente pouco atrativas por apresentarem quase todos padrões escuros, discretos e muito semelhantes - "boarmies". Nesta proposta lançamos o nome de umbras (sombas) para agrupar estas espécies.
Menophra abruptaria (Thunberg, 1792)		Umbra-ocre-europeia	A área de distribuição global desta espécie, apesar de sobrepor-se com a da seguinte no mediterrâneo, é muito mais abrangente.
Menophra japygiaria (Costa, 1849)			
Menophra nycthemeraria (Geyer, 1831)			
Synopsis sociaria (Hübner, 1799)			
Ecleora solieraria (Rambur, 1834)		Umbra-zimbreira-pequena	Declarando a sua dependência na fase larvar de plantas do género Juniperus. É mais pequena que a espécie seguinte.
Afriberina tenietaria (Staudinger, 1900)		Umbra-zimbreira-grande	É maior que a espécie anterior.
Afriberina salemæ Skou & Sihvonen, 2019		Umbra-algarvia	Em referência à principal região do globo onde ocorre.
Calamodes occitanaria (Duponchel, 1829)		Riscada-da-ocitânia	DNAT
Peribatodes rhomboidaria (Denis & Schiffermüller, 1775)		Umbra-do-matagal	Por ser uma espécie polífaga na fase larvar bastante comum, principalmente na metade norte do país, consideramos apropriado declarar uma relação com este tipo de formação vegetal.
Peribatodes umbraria (Hübner, 1809)			
Peribatodes ilicaria (Geyer, 1833)		Umbra-bimaculada	Em referência às duas características manchas brancas na margem das asas anteriores presentes na maioria dos exemplares desta espécie.
Seliosema pyrenæaria (Boisduval, 1840)			
Seliosema taeniolaria (Hübner, 1813)			
Cleora cinctaria (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-albacintada	DNAT
Alcis repandata (Linnaeus, 1758)			
Hypomecis roboraria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hypomecis punctinalis (Scopoli, 1763)			
Ekboarmia atlanticaria (Staudinger, 1859)		Umbra-da-sabina	Em referência à sua principal, senão única, planta hospedeira, a sabina-das-praia.

Ekboarmia miniaria Skou, Stüning & Sihvonen, 2016	Mariposa-miniaria (LVI)		
Ectropis crepuscularia (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Paradarisa consonaria (Hübner, 1799)			
Aethalura punctulata (Denis & Schiffermüller, 1775)		Pontilhada-das-bétulas	DNAT
Ematurga atomaria (Linnaeus, 1758)			
Adactylotis gesticularia (Hübner, 1817)		Umbra-clara	Apesar do seu padrão distinto, evidentemente mais claro, esta espécie pertence ao grupo das umbras (tribo Boarmiini).
Tephronia sepiaria (Hufnagel, 1767)		Cinza-sépie	A etimologia do género Tephronia remete para a ideia de cinza. A descrição como de cor sépie advém do epíteto específico e do aspeto da borboleta.
Tephronia lhommaria Cleu, 1928		Cinza-gris	A aparente redundância do nome atribuído pretende reforçar que esta traça, entre as cinzas, é a que melhor se descreve com estes tons.
Tephronia espaniola Schawerda, 1931		Cinza-espanhola	Classificou-se esta espécie como espanhola por associação direta com o epíteto específico.
Eumannia oranaria (Staudinger, 1892)		Cinza-alva	Como o género Eumannia é muito próximo do género Tephronia, decidiu-se manter um ponto de contacto chamando ambos os géneros de cinzas. Esta é a única onde o branco pode ser a cor predominante, e daí o segundo nome - alva.
Cabera pusaria (Linnaeus, 1758)			
Cabera exanthemata (Scopoli, 1763)			
Lomographa bimaculata (Fabricius, 1775)			
Aleucis distinctata (Herrich-Schäffer, 1839)			
Campaea margaritaria (Linnaeus, 1761)		Pérola-de-celádon	DNAT
Gerinia honoraria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hylaea fasciaria (Linnaeus, 1758)			
Gnophos furvata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Gnophos obfuscata (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Ortaliella perspersata (Treitschke, 1827)		Umbra-austral	Apesar de não ser uma espécie muito próxima das restantes umbras, propomos o mesmo nome tendo em conta a descrição do padrão. Esta apresenta uma distribuição claramente meridional em Portugal.
Charissa obscurata (Denis & Schiffermüller, 1775)			Este grupo caracteriza-se por apresentar uma mancha circular bem evidente em cada asa. Propomos o nome de oceladas para as agrupar.
Charissa predotae (Schawerda, 1929)			
Charissa crenulata (Staudinger, 1871)			
Charissa mucidaria (Hübner, 1799)		Ocelada-enferrujada	Distingue-se facilmente das suas congéneres pela presença de tons laranja.
Cleorodes lichenaria (Hufnagel, 1767)		Rendada-dos-líquenes	DNAT
Siona lineata (Scopoli, 1763)			
Dyscia penulataria (Hübner, 1819)		Traça-calva	Entre as duas espécies conhecidas deste género para Portugal, um bom carácter de distinção a ter em conta é o nível de proeminência das escamas no tórax. Nesta, o tórax aparenta ser significativamente mais pequeno que na sua congénere.
Dyscia distinctaria (Bang-Haas, 1910)		Traça-guedelhuda	Nesta espécie o tórax tem um aspeto muito maior que na sua congénere.
Aspitates gilvaria (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Aspitates ochrearia (Rossi, 1794)			
Perconia baeticaria (Staudinger, 1871)			
Onychora agaritharia (Dardoin, 1842)			
Compsoptera opacaria (Hübner, 1819)			
Compsoptera jourdanaria (Serres, 1826)			
Aplasta ononaria (Fuessly, 1783)		Falsa-esmeralda	DNAT
Pseudoterpna coronillaria (Hübner, 1817)			
Geometra papilionaria (Linnaeus, 1758)			
Comibaena bajularia (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hemistola chrysoprasaria (Esper, 1795)			
Xenochlorodes olympiaria (Herrich-Schäffer, 1852)			
Jodis lactearia (Linnaeus, 1758)			
Thalera fimbrialis (Scopoli, 1763)			
Bustilloxia saturata (Bang-Haas, 1906)			
Hemithea aestivaria (Hübner, 1789)			
Chlorissa cloraria (Hübner, 1813)		Traça-trevo	DNAT

Phaiogramma etruscaria (Zeller, 1849)		Esmeralda-etrusca	Em alinhamento com o restritivo específico da espécie.
Phaiogramma faustinata (Millière, 1868)		Esmeralda-fausta	Em sintonia com o epíteto específico da espécie.
Microloxia herbaria (Hübner, 1813)		Esmeraldinha	Do grupo das esmeraldas, esta é notoriamente a espécie mais pequena.
Thaumetopoea processionea (Linnaeus, 1758)	Processionária-dos-carvalhos (Biosani)		
Thaumetopoea pityocampa (Denis & Schiffermüller, 1775)	Processionária-do-pinheiro (Biosani)		
Thaumetopoea herculeana (Rambur, 1840)	Processionária-herculeana (Biodiversity4all)		
Cerura iberica (Templado & Ortiz, 1966)	Borboleta-do-choupo (Biodiversity4all)		
Furcula furcula (Clerck, 1759)			
Furcula bifida (Brahm, 1787)			
Neoharpyia verbasci (Fabricius, 1798)			
Dicranura ulmi (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Stauropus fagi (Linnaeus, 1758)	Mariposa-lagosta (Biodiversity4all)		
Harpyia milhauseri (Fabricius, 1775)		Traça-dragão	Tradução do vernáculo francês que seguramente estará relacionado com o aspeto pitoresco da fase larvar.
Drymonia dodonaea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Drymonia ruficornis (Hufnagel, 1766)			
Drymonia querna (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Drymonia velitaris (Hufnagel, 1766)			
Notodonta dromedarius (Linnaeus, 1767)			
Notodonta tritophus (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Notodonta ziczac (Linnaeus, 1758)			
Peridea anceps (Goeze, 1781)			
Pheosia tremula (Clerck, 1759)			
Pterostoma palpina (Clerck, 1759)			
Ptilodon capucina (Linnaeus, 1758)			
Phalera bucephala (Linnaeus, 1758)	Bucéfala-de-cabeça-bege (Biodiversity4all)		
Spatalia argentina (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Rhegmaphila alpina (Bellier, 1881)			
Clostera pigra (Hufnagel, 1766)			
Clostera curtula (Linnaeus, 1758)			
Eutelia adalatrix (Hübner, 1813)		Traça-empinada	Quando em repouso, esta espécie ergue a terminação do abdómen sobre o corpo, ficando numa posição muito característica.
Scoliopteryx libatrix (Linnaeus, 1758)			
Rivula sericealis (Scopoli, 1763)		Traça-seda-pintada	DNAT
Zebeeba falsalis (Herrich-Schäffer, 1839)		Traça-espargueira	Evidenciamos a sua relação com os espargos, a planta alimentícia das suas larvas.
Hypena proboscidalis (Linnaeus, 1758)		Pinóquio-mentiroso	Os palpos longos característicos deste género, assemelhando-se a um nariz, lembram uma personagem conhecida de todos - o Pinóquio. Tendo esta espécie os palpos particularmente desenvolvidos face às suas congéneres, e aludindo à história da personagem referida, escolheu-se o adjetivo "mentiroso" para a descrever.
Hypena rostralis (Linnaeus, 1758)		Pinóquio-de-poupa	Na base do tórax, esta espécie apresenta um tufo de escamas levantadas que se assemelha a uma poupa.
Hypena obesalis Treitschke, 1829		Pinóquio-maior	Como apresenta a maior envergadura entre as suas congéneres, considerou-se essa uma boa característica a incluir no nome.
Hypena obsitalis (Hübner, 1813)		Pinóquio-da-lenha	É uma traça particularmente frequente em caves e telheiros, sendo a experiência de muitos detetá-la junto à lenha quando esta é manuseada.
Hypena lividalis (Hübner, 1796)		Pinóquio-menor	Com um racional semelhante ao aplicado à pinóquio-maior, esta descreveu-se como menor.
Hypena crassalis (Fabricius, 1787)		Pinóquio-do-mirtilo	A sua dependência de uma planta algo localizada em Portugal, o mirtilo, ou uva-do-monte, separa-a das suas congéneres que preferem principalmente urticáceas na fase larvar.
Arctornis l-nigrum (Müller, 1764)		Arqueira-do-Minho	DNAT
Leucoma salicis (Linnaeus, 1758)			
Lymantria dispar (Linnaeus, 1758)	Mariposa-cigana (Biodiversity4all) Limântria; lagarta-do-sobreiro; traça-cigana (Biosani)		
Lymantria monacha (Linnaeus, 1758)	Traça-freira (Biosani)		
Euproctis chrysorrhoea (Linnaeus, 1758)	Traça-de-cauda-castanha (Biosani)		

Sphrageidus similis (Fuessly, 1775)			
Ocneria atlantica (Rambur, 1837)		Traça-lentisqueira	A fase larvar desta espécie alimenta-se principalmente de lentisco (= aroeira).
Ocneria rubea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Calliteara pudibunda (Linnaeus, 1758)		Traça-pudibunda	DNAT
Gynaephora fasscelina (Linnaeus, 1758)			
Orgyia recens (Hübner, 1819)			
Orgyia aurolimbata Guenée, 1835			
Orgyia trigotephras Boisduval, 1829			
Orgyia antiqua (Linnaeus, 1758)	Traça-europeia-das-moitas (Biosani)		
Spilosoma lutea (Hufnagel, 1766)			
Spilosoma lubricipeda (Linnaeus, 1758)			
Diaphora mendica (Clerck, 1759)			
Diacrisia sannio (Linnaeus, 1758)			
Rhyparia purpurata (Linnaeus, 1758)			
Ocnogyna zoraida (Graslin, 1837)			
Ocnogyna boeticum (Rambur, 1837)			
Artimelia latreillii (Godart, 1823)	Borboleta-leopardo-primaveril (PSeP)		
Watsonarctia casta Esper, 1785			
Phragmatobia fuliginosa (Linnaeus, 1758)	Traça-tigre-rubi (Biodiversity4all)	Traça-vermelha	Propomos um nome mais simples que a já utilizada tradução do nome inglês "ruby tiger moth". É a única espécie presente em Portugal cuja cor dominante é o vermelho.
Arctia festiva (Hufnagel, 1766)			
Arctia villica (Linnaeus, 1758)			
Arctia caja (Linnaeus, 1758)	Cigana-tigrada (Biodiversity4all)		
Atlantartia tigrina (de Villers, 1789)		Traça-tigresa	DNAT
Hyphoraia dejeani (Godart, 1822)			
Chelis maculosa (Gerning, 1780)		Traça-dálmata-vermelha	DNAT
Callimorpha dominula (Linnaeus, 1758)	Mariposa-dominula (LVI)		
Euplagia quadripunctaria (Poda, 1761)	Calimórfa-de-quatro-pintas (Biodiversity4all; PSeP)		
Tyria jacobaeae (Linnaeus, 1758)	Sangrenta-da-tasna (Biodiversity4all)		
Cymbalophora pudica (Esper, 1785)		Traça-púdica	Quando em repouso, as borboletas desta espécie escondem o tom vermelho garrido do abdómen. Esta característica está também na origem do seu restritivo específico.
Spiris striata (Linnaeus, 1758)			
Coscinia chrysocephala (Hübner, 1804)		Traça-mordomo-de-cabeça-amarela	Com inspiração no nome comum inglês footman, propomos o nome de traças-mordomo para este grupo de erebídeos de aspeto delgado, principalmente representado pelo género Eilema. A cabeça amarela é característica desta espécie, detalhe que está na origem do seu restritivo.
Coscinia cribraria (Linnaeus, 1758)			
Utetheisa pulchella (Linnaeus, 1758)		Traça-carnaval	Considerando a gama de cores do seu padrão, muito próxima da apresentada pela borboleta-carnaval (Zerynthia rumina), propomos o nome de traça-carnaval.
Mitochrista miniata (Forster, 1771)			
Thumatha senex (Hübner, 1808)			
Paidia rica (Freyer, 1858)		Traça-limpa-muros	As lagartas desta espécie são frequentemente observadas em muros e paredes, onde se alimentam de líquenes.
Cybosia mesomella (Linnaeus, 1758)			
Pelosia plumosa (Mabille, 1900)	Mariposa-plumosa (LVI)		
Apaidia mesogona (Godart, 1824)			
Lithosia quadra (Linnaeus, 1758)			
Eilema depressa (Esper, 1787)			
Eilema uniola (Rambur, 1866)			
Eilema lurideola (Zincken, 1817)			
Eilema caniola (Hübner, 1808)	Traça-sapato-comum (PSeP)	Traça-mordomo-comum	Em Portugal é a espécie mais comum deste grupo.
Eilema palliatella (Scopoli, 1763)			
Eilema complana (Linnaeus, 1758)			
Eilema marcida (Mann, 1859)		Traça-mordomo-sulista	Em Portugal a sua distribuição está limitada à metade sul.
Eilema pygmaeola (Doubleday, 1847)			

Eilema predotae (Schawerda, 1927)			
Eilema rungsi Toulgöet, 1960			
Eilema sororcula (Hufnagel, 1766)			
Eilema bipuncta (Hübner, 1824)			
Setina cantabrica de Freina & Witt, 1985	Mariposa-cantábrica (LVI)		
Dysauxes punctata (Fabricius, 1781)			
Paracolax tristalis (Fabricius, 1794)			Estas espécies caracterizam-se por terem um padrão monótono e muito semelhante entre si, e por se alimentarem de matéria vegetal em decomposição na fase larvar. Nessa linha, propomos o nome de murchas procurando descrever não só o seu padrão simples, geralmente de tons castanhos, mas também a sua dieta na fase larvar, manta morta.
Nodaria nodosalis (Herrich-Schäffer, 1851)		Traça-murcha-escura	É notoriamente a espécie mais escura deste grupo.
Herminia tarsipennalis (Treitschke, 1835)			
Herminia tarsicrinalis (Knoch, 1782)			
Herminia grisealis (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Polypogon plumigeralis Hübner, 1825		Nariz-empinado	Os palpos longos e curvados desta espécie provocaram a seleção desta expressão popular para seu vernáculo.
Zanclognatha lunalis (Scopoli, 1763)			
Schrankia costaestrigalis (Stephens, 1834)			
Lygephila lusoria (Linnaeus, 1758)			A cabeça e frente do tórax negros, em contraste com o resto do corpo, são uma das principais características deste género.
Lygephila craccae (Denis & Schiffermüller, 1775)		Gola-negra-comum	Esta espécie é relativamente comum em praticamente todo o território nacional continental.
Tathorhynchus exsiccata (Lederer, 1855)			
Autophila dilucida (Hübner, 1808)			
Autophila cataphanes (Hübner, 1813)			
Apopestes spectrum (Esper, 1787)			
Parascotia nisseni Turati, 1905		Traça-dos-cogumelos	DNAT
Phytometra sanctiflorentis (Boisduval, 1834)			
Phytometra viridaria (Clerck, 1759)			
Odice blandula (Rambur, 1858)			
Odice pergrata (Rambur, 1858)		Traça-linha-negra	A linha negra bordejada a branco externamente é característica desta espécie.
Odice jucunda (Hübner, 1813)			
Eublemma candidana (Fabricius, 1794)		Eublemma-canina	Adotamos o nome científico do género para a proposta de vernáculo aglutinador destas espécies. Vista de cima a eublemma-canina lembra uma dentição com caninos superiores proeminentes.
Eublemma parva (Hübner, 1808)		Eublemma-pequena	A mais pequena das eublemas (parvus: pequeno em latim).
Eublemma cochylioides (Guenée, 1852)		Eublemma-rosada	Nesta espécie destacam-se das restantes congéneres os tons maioritariamente ténues de rosa.
Eublemma ostrina (Hübner, 1808)		Eublemma-ostrina	O epíteto específico da espécie existe também na língua portuguesa. Ostrino designa algo de cor púrpura, purpúreo.
Eublemma purpurina (Denis & Schiffermüller, 1775)		Eublemma-púrpura	Seguindo a linha do nome científico, consideramos que púrpura descreve bem a espécie em questão.
Eublemma amoena (Hübner, 1803)		Eublemma-raiana	A larva desta espécie alimenta-se de cardos do género Onopordum; em Portugal principalmente presentes na faixa próxima à fronteira com Espanha. Denominámo-la de raiana por esse mesmo motivo. Os poucos registos desta espécie por cá foram precisamente obtidos em concelhos raianos.
Eublemma pura (Hübner, 1813)		Eublemma-pura	Entre as eublemas que ocorrem em Portugal, esta é definitivamente a mais clara; a mais pura, seguindo o nome científico.
Eublemma polygramma (Duponchel, 1842)		Eublemma-tinta	Usando a cor como critério de separação face às suas congéneres, tinta parece ser o melhor adjetivo para a descrever.
Eublemma scitula (Rambur, 1833)		Eublemma-carnívora	Esta espécie tem a particularidade de apresenta uma fase larvar carnívora. A lagarta da eublemma-carnívora alimenta-se de cochonilhas!
Rhypagla lacernaria (Hübner, 1813)			
Metachrostis dardouini (Boisduval, 1840)			
Metachrostis velox (Hübner, 1813)		Traça-rósea	O tom rosado desta espécie é característico.
Catephia alchymista (Denis & Schiffermüller, 1775)		Maravilha-branca-maior	Quando em repouso, as borboletas desta espécie escondem o contrastante branco das asas posteriores. É menor que a outra espécie com esta característica, Aedia leucomelas.
Pandesma robusta (Walker, 1858)			

Zethes insularis Rambur, 1833		Traça-morcego	DNAT
Drasteria cailino (Lefèbvre, 1827)		Traça-faraó	DNAT
Catocala nymphaea (Esper, 1787)			O género Catocala, à semelhança dos géneros Aedia e Catephia, caracteriza-se pelo contraste entre o padrão discreto das asas anteriores e as cores garridas das asas posteriores. Dessa forma, propomos o nome de traças-maravilha.
Catocala mariana Rambur, 1858			
Catocala conversa (Esper, 1783)			
Catocala nymphagoga (Esper, 1787)			
Catocala fraxini (Linnaeus, 1758)	Catocala-das-asas-azuis (LVI)		
Catocala coniuncta (Esper, 1787)		Maravilha-vermelha-do-sobreiro	O sobreiro é uma das plantas-hospedeiras desta espécie.
Catocala nupta (Linnaeus, 1767)			
Catocala elocata (Esper, 1787)			
Catocala oberthueri Austaut, 1879			
Catocala dilecta (Hübner, 1808)			
Catocala sponsa (Linnaeus, 1767)			
Catocala promissa (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Catocala optata (Godart, 1824)			
Euclidia glyphica (Linnaeus, 1758)		Euclídia	DNAT
Callistege mi (Clerck, 1759)		Nariz-de-bruxa	DNAT
Cerocala scapulosa (Hübner, 1808)		Traça-sargaça-do-litoral	DNAT
Ophiusa tirhaca (Cramer, 1773)		Pistácia	DNAT
Minucia lunaris (Denis & Schiffermüller, 1775)		Lunar-dos-carvalhos	DNAT
Clytie illunaris (Hübner, 1813)		Delta-tamargueira	O nome delta utilizado para este grupo de borboletas procura descrever a sua forma triangular. Esta espécie depende de tamargueira na fase larvar.
Dysgonia torrida (Guenée, 1852)			
Dysgonia algira (Linnaeus, 1767)	Traça-delta (PSeP)	Delta-comum	É a espécie mais comum deste grupo.
Grammodes bifasciata (Petagna, 1787)		Delta-da-costa	DNAT
Grammodes stolidia (Fabricius, 1775)		Delta-do-mato	DNAT
Abrostola tripartita (Hufnagel, 1766)			
Abrostola triplasia (Linnaeus, 1758)			
Trichoplusia ni (Hübner, 1803)		Traça-ni	Adotamos o restritivo específico no vernáculo proposto, à semelhança do que acontece na língua inglesa e francesa.
Thysanoplusia orichalcea (Fabricius, 1775)	Falsa-medideira-dourada (Biodiversity4all) Traça-fina-de-latão-polido; traça-fina-dourada (Biosani)		
Thysanoplusia daubei (Boisduval, 1840)			
Ctenoplusia accentifera (Lefèbvre, 1827)			
Ctenoplusia limbirena (Guenée, 1852)			
Chrysodeixis chalcites (Esper, 1789)	Traça-dos-pontos-gêmeos-dourados; lagarta-medidora-verde; medidora-do-tomate (Biosani)		
Chrysodeixis acuta (Walker, 1858)			
Macdunnoughia confusa (Stephens, 1850)			
Diachrysia chrysis (Linnaeus, 1758)			
Euchalcia modestoides Poole, 1989			
Panchrysia aurea (Hübner, 1803)			
Autographa gamma (Linnaeus, 1758)	Y-de-prata (Biodiversity4all; Biosani)	Y-de-prata	Considerou-se o nome já existente.
Plusia festucae (Linnaeus, 1758)		Lágrima-do-rio	DNAT
Xanthodes albago (Fabricius, 1794)			
Protodeltote pygarga (Hufnagel, 1766)			
Pseudozarba bipartita (Herrich-Schäffer, 1850)		Traça-tricolor	DNAT
Recoropha canteneri (Duponchel, 1833)		Nanica-parda	As suas semelhanças de estrutura com o género Cleonymia levaram-nos a considerar o mesmo nome proposto para esse género - nanica. Consideramos a sua cor para o nome proposto.
Metopoceras felicina (Donzel, 1844)		Nanica-carmim	Estendendo o argumento da espécie anterior para esta, mas com um reforço: na língua francesa o nome considerado é também comum entre ambos os géneros, Cleonymia e Metopoceras. A sua cor é distintiva entre estas espécies.
Acontia lucida (Hufnagel, 1766)		Traça-oito	Esta espécie apresenta uma marca nas asas anteriores muito semelhante ao algarismo oito.

Acontia trabearis (Scopoli, 1763)		Traça-zebrada	Separa-se facilmente de todas as outras espécies presentes em Portugal pelo seu padrão riscado preto e branco.
Acontia viridisquama Guenée, 1852			
Aedia leucomelas (Linnaeus, 1758)		Maravilha-branca-menor	Quando em repouso, as borboletas desta espécie escondem o contrastante branco das asas posteriores. É menor que a outra espécie com esta característica, Catephia alchymista.
Tyta luctuosa (Denis & Schiffermüller, 1775)	Quatro-pintas-da-corriola (Biodiversity4all)	Traça-tristonha	A etimologia do restritivo específico remete para tristeza (luctuosus = triste).
Colocasia coryli (Linnaeus, 1758)		Traça-tufo-de-avelã	DNAT
Diloba caeruleocephala (Linnaeus, 1758)			
Raphia hybris (Hübner, 1813)		Traça-do-choupo	A larva desta borboleta alimenta-se de choupo.
Moma alpium (Osbeck, 1778)		Traça-sargento	DNAT
Acronicta alni (Linnaeus, 1767)			
Acronicta cuspis (Hübner, 1813)	Mariposa-cuspis (LVI)		
Acronicta tridens (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Acronicta psi (Linnaeus, 1758)		Traça-psi	Remetendo para a letra grega que dá nome à espécie.
Acronicta aceris (Linnaeus, 1758)			
Acronicta leporina (Linnaeus 1758)			
Acronicta auricoma (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Acronicta euphorbiae (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Acronicta rumicis (Linnaeus, 1758)	Traça-da-labaça (Biodiversity4all)		
Acronicta megacephala (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Craniophora ligustri (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Craniophora pontica (Staudinger, 1878)		Traça-do-freixo	A larva desta borboleta alimenta-se de freixo.
Panemeria tenebrata (Scopoli, 1763)			
Aegle vespertinalis (Rambur, 1858)		Traça-do-paparraiz	A larva desta borboleta alimenta-se de paparraiz.
Synthymia fixa (Fabricius, 1787)		Traça-asa-d'ouro	Quando em voo, esta espécie revela o tom dourado das asas posteriores.
Cucullia umbratica (Linnaeus, 1758)			A característica que selecionámos para descrever este género é a presença de um tufo de escamas distintivo sobre o tórax. Essa estrutura levou a que algumas espécies tenham o nome de "sharks" na língua inglesa. Aqui optamos pelo termo crina.
Cucullia santolinae Rambur, 1834			
Cucullia calendulae Treitschke, 1835		Traça-crina-da-calêndula	Remetendo para a principal planta hospedeira e para o restritivo da espécie.
Cucullia chamomillae (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Cucullia gnaphalii (Hübner, 1813)			
Cucullia tanacetii (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Cucullia verbasci (Linnaeus, 1758)			
Cucullia thapsiphaga Treitschke, 1826			
Cucullia reisseri Boursin, 1933			
Cucullia caninae Rambur, 1833			
Cucullia erythrocephala Wagner, 1914			
Cucullia scrophulariphila Staudinger, 1859			
Cucullia lychnitis Rambur, 1833			
Calophasia hamifera Staudinger, 1863			Tendo em conta a proximidade do género e a sua semelhança morfológica, estendemos o nome de traças-crina para o género Calophasia.
Calophasia platyptera (Esper, 1788)		Traça-crina-mediterrânica	Considerando a distribuição global da espécie e o contraste com as espécies mais próximas.
Calophasia almoravida Graslín, 1863		Traça-crina-moura	Com base no restritivo específico.
Omphalophana serrata (Treitschke, 1835)		Traça-ouriçada	DNAT
Lophoterges millierei (Staudinger, 1871)		Esfalerite-da-madressilva	DNAT
Stilbia anomala (Haworth, 1812)			
Stilbia andalusica Staudinger, 1892			
Cleonymia baetica (Rambur, 1837)		Nanica-clara	Este género realça-se na família Noctuidae pela reduzida envergadura e aspeto compacto. Nesse sentido, propomos um nome que remete precisamente para o seu pequeno porte. Esta espécie é a mais clara entre as suas congéneres.
Cleonymia yvannii (Duponchel, 1833)		Nanica-cruzada	O cruzar das linhas transversais é um detalhe característico desta espécie.
Cleonymia diffluens (Staudinger, 1870)		Nanica-escura	Em contraste com a nanica-clara.
Cleonymia pectinicornis (Staudinger, 1859)			
Amephana anarrhini (Duponchel, 1840)			

Amephana aurita (Fabricius, 1787)			
Amphipyra effusa Boisduval, 1828			
Amphipyra pyramidea (Linnaeus, 1758)			
Amphipyra tragopoginis (Clerck, 1759)			
Amphipyra tetra (Fabricius, 1787)			
Bryonycta pineti (Staudinger, 1859)		Traça-do-pinhal	Em concordância com o habitat preferencial da espécie e com o seu epíteto específico.
Valeria jaspidea (de Villers, 1789)		Jaspe-do-abrunheiro	DNAT
Meganephria bimaculosa (Linnaeus, 1767)			
Allophyes alfaroi Agenjo, 1951		Traça-musgosa-ibérica	DNAT
Xylocampa areola (Esper, 1789)		Traça-grisalha	DNAT
Heliothis peltigera (Denis & Schiffermüller, 1775)	Traça-de-palha-bordada (Biosani)	Torrada-escudeira	Devido aos tons quentes e ocre de estas espécies, genericamente apelidou-se as mesmas de torradas. O termo escudeira pretende fazer referência ao pormenor do padrão que se destaca, nomeadamente à marca reniforme e zona escurecida lateral. Esta característica foi considerada também no nome científico.
Heliothis nubigera Herrich-Schäffer, 1851		Torrada-nebulosa	Na mesma linha da espécie anterior, o adjetivo nebuloso procura descrever o aspeto geral da espécie em sintonia com o nome científico.
Heliothis viriplaca (Hufnagel, 1766)		Torrada-pacífica	Fazendo referência à personagem divina Viriplaca da mitologia romana, esta espécie foi apelidada de pacífica.
Heliothis incarnata Freyer, 1838		Torrada-magenta	Demarcando-se facilmente das suas congéneres pela cor, consideramos esta característica inevitável de constar no vernáculo proposto.
Helicoverpa armigera (Hübner, 1808)	Lagarta-do-tomate; lagarta-do-algodão (Biosani)	Broca-do-tomate	Por ser uma espécie muito conhecida pelos elevados impactos que a fase larvar por vezes provoca em produções agrícolas, principalmente na cultura do tomate, propõem-se um nome que melhor descreve a fase imatura da espécie.
Condica viscosa (Freyer, 1831)			
Condica capensis (Guenée, 1852)			
Callopietria juvenina (Stoll, 1782)			
Callopietria latreillei (Duponchel, 1827)		Traça-chama	Perto da margem das asas anteriores esta espécie apresenta uma mancha vermelha triangular que lembra uma pequena chama.
Cryphia algae (Fabricius, 1775)			As Cryphia, tal como o género Bryophila, alimentam-se de líquenes na fase larvar. Além disso, ambos os géneros são muito semelhantes, pelo que avançamos com a proposta de um nome comum aos dois.
Cryphia pallida (Baker, 1894)		Traça-líquenes-pálida	Em sequência do restritivo específico.
Cryphia lusitanica Draudt, 1931			
Bryophila vandulsi Duponchel, 1842		Traça-líquenes-andaluzia	Apesar da etimologia do nome do género destas borboletas, que remete para a sua relação com briófitas (musgos), propomos o nome de traças-líquene, já que os líquenes são o real alimento das suas larvas. O nome desta espécie em particular foi proposto com base no restritivo.
Bryophila ravula (Hübner, 1813)		Traça-líquenes-diversa	O nome proposto pretende aludir à grande variabilidade de padrões desta espécie.
Bryophila raptricula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Bryophila petrea Guenée, 1852			
Bryophila microglossa (Rambur, 1858)			
Bryophila domestica (Hufnagel, 1766)			
Bryopsis muralis (Forster, 1771)		Traça-soldado	De padrão semelhante, mas mais pequena que a traça-sargento.
Spodoptera exigua (Hübner, 1808)	Rosca-das-aceugas (Biodiversity4all) Lagarta-do-cartucho-da-beterraba (Biosani)	Traça-escória-delgada	Com base na etimologia do género, propomos o nome de traças-escória para este grupo. A diferença na largura das asas posteriores, que se manifesta no aspeto da borboleta, face à sua congénere, baseou a terminação do vernáculo.
Spodoptera ciliata Guenée, 1852	Rosca-negra; lagarta-da-folha-do-algodoeiro (Biosani)	Traça-escória-folgada	De aspeto mais largo que a espécie anterior, procuramos um nome que contrastasse a rimar.
Spodoptera littoralis (Boisduval, 1833)			
Elaphria venustula (Hübner, 1790)		Rosa-marmoreada	DNAT
Caradrina morpheus (Hufnagel, 1766)			Com inspiração no nome considerado na língua inglesa para várias espécies deste grupo, rústicas, considerado nesta proposta para o género Xestia, propomos aqui um sinónimo - campinas.
Caradrina proxima Rambur, 1837			
Caradrina aspersa Rambur, 1834			
Caradrina germainii (Duponchel, 1835)		Campina-fusca	Remetendo para o aspeto geralmente escuro desta espécie.
Caradrina ibeasi (Fernandez, 1918)			
Caradrina flava Oberthür, 1876			

Caradrina selini Boisduval, 1840			
Caradrina flavirena Guenée, 1852		Campina-cinza	Na aparente falta de melhor característica para a descrever, propomos associar a cor ao nome.
Caradrina noctivaga Bellier, 1863			
Caradrina clavipalpis (Scopoli, 1763)			
Hoplodrina octogenaria (Goeze, 1781)			
Hoplodrina blanda (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Hoplodrina hesperica Dufay & Boursin, 1960			
Hoplodrina ambigua (Denis & Schiffermüller, 1775)		Campina-ambígua	Em sintonia com o restritivo específico e com a variabilidade desta espécie.
Chilodes maritima (Tauscher, 1806)			
Rusina ferruginea (Esper, 1785)			
Hydrillula pallustris (Hübner, 1808)			
Proxenus hospes (Freyer, 1831)		Traça-da-coxa-amarela	O amarelo do fémur das patas anteriores é característico.
Dypterygia scabriuscula (Linnaeus, 1758).			
Trachea atriplicis (Linnaeus, 1758)		Traça-asa-de-musgo	DNAT
Anthracia ephialtes (Hübner, 1822)			
Mormo maura (Linnaeus, 1758)			
Polyphaenis sericata (Esper, 1787)			
Chlorothalpa graslini (Culot, 1913)		Tropa-das-gramíneas	DNAT
Thalophila vitalba Freyer, 1834		Traça-linha-de-costura	DNAT
Chloantha hyperici (Denis & Schiffermüller, 1775)		Ombro-pálido	DNAT
Phlogophora meticulosa (Linnaeus, 1758)		Luzia-grande	Após a seleção do nome luzia-pequena para a espécie seguinte a partir dos desafios colocados ao público, e considerando a semelhança entre as duas espécies, propomos o nome de luzia-grande.
Euplexia lucipara (Linnaeus, 1758)		Luzia-pequena	DNAT
Pseudenargia ulicis (Staudinger, 1859)			
Calamia tridens (Hufnagel, 1766)			
Helotropa leucostigma (Hübner, 1808)			
Eremobia ochroleuca (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-caramela	DNAT
Gortyna flavago (Denis & Schiffermüller, 1775)	Traça-laranja-fosca (Biosani)		
Gortyna xanthenes Germar, 1842	Traça-da-alcachofra (Biosani)		
Gortyna puengeleri (Turati, 1909)			
Hydraecia micacea (Esper, 1789)			
Luperina dumerilii (Duponchel, 1826)			
Luperina testacea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Luperina nickerlii (Freyer, 1845)			
Rhizedra lutosa (Hübner, 1803)			
Nonagria typhae (Thunberg, 1784)			
Lenisa geminipuncta (Haworth, 1809)			
Archanara dissoluta (Treitschke, 1825)			
Coenobia rufa (Haworth, 1809)			
Oria musculosa (Hübner, 1808)		Traça-noiva	DNAT
Unchelea myodea (Rambur, 1858)			
Denticucullus pygmina (Haworth, 1809)			
Denticucullus mabillei (D. Lucas, 1907)			
Photodes minima (Haworth, 1809)			
Globia sparganii (Esper, 1790)			
Apamea remissa (Hübner, 1809)			A sua dependência de gramíneas na fase larvar, principalmente das partes basais de que se alimentam, levou-nos a considerar o nome de traças-pratenses para este grupo de borboletas.
Apamea crenata (Hufnagel, 1766)			
Apamea epomidion (Haworth, 1809)			
Apamea lateritia (Hufnagel, 1766)			
Apamea furva (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Apamea anceps (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Apamea sordens (Hufnagel, 1766)			
Apamea scolopacina (Esper, 1788)			
Apamea monoglypha (Hufnagel, 1766)			
Apamea syriaca (Osthelder, 1933)			

Apamea lithoxyla (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Apamea arabs (Oberthür, 1881)		Traça-pratense-árabe	Em sintonia com o restritivo específico.
Laterologia ophiogramma (Esper, 1794)		Traça-paludosa-serpenteada	DNAT
Mesapamea secalis (Linnaeus, 1758)			
Mesapamea didyma Esper, 1788			
Litoligia literosa (Haworth, 1809)			
Mesologia furuncula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Oligia strigilis (Linnaeus, 1758)			
Oligia latruncula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Oligia versicolor (Borkhausen, 1792)			
Oligia fasciuncula (Haworth, 1809)			
Sesamia nonagrioides (Lefèbvre, 1827)		Broca-do-milho	Tendo em conta que é uma espécie que pode provocar danos à cultura de milho, apelidamos esta espécie de broca dessa planta.
Episema grueneri Boisduval, 1837			
Episema glaucina (Esper, 1789)			
Leucochlaena oditis (Hübner, 1822)		Traça-manto-real	DNAT
Eremopola orana (H. Lucas, 1848)		Traça-serôdia-do-sul	DNAT
Xanthia togata (Esper, 1788)		Caduca-real	As borboletas dos géneros Xanthia e Cirrhia voam no outono e exibem sempre tons típicos dessa estação, lembrando folhas caídas. Esta espécie destaca-se esteticamente das restantes caducas, daí a proposta de caduca-real.
Cirrhia icteritia (Hufnagel, 1766)		Caduca-sulfúrea	O tom amarelo característico desta espécie inspirou a proposta.
Cirrhia gilvago (Denis & Schiffermüller, 1775)		Caduca-decadente	Esta espécie caracteriza-se pela presença de tons mais escuros, lembrando uma folha caída há mais tempo e por isso mais decomposta.
Cirrhia ocellaris (Borkhausen, 1792)		Caduca-ocelada	Em alinhamento com o restritivo específico e fazendo referência aos dois pontos brancos que a espécie exibe dentro das manchas reniformes.
Mesogona acetosellae (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Agrochola lychnidis (Denis & Schiffermüller, 1775)		Outona-	
Agrochola orejoni Agenjo, 1951		Outona-	
Agrochola lunosa (Haworth, 1809)		Outona-	
Agrochola meridionalis (Staudinger, 1871)		Outona-	
Agrochola litura (Linnaeus, 1758)			
Agrochola helvola (Linnaeus, 1758)		Outona-	
Agrochola lota (Clerck, 1759)		Outona-	
Agrochola blidaensis (Stern, 1915)		Outona-	
Agrochola macilenta (Hübner, 1809)		Outona-	
Agrochola haematidea (Duponchel, 1827)		Outona-	
Agrochola circumcellaris (Hufnagel, 1766)		Outona-	
Spudaea ruticilla (Esper, 1791)		Falsa-outona	
Conistra vaccinii (Linnaeus, 1761)			
Conistra ligula (Esper, 1791)			
Conistra alicia Lajonquière, 1939			
Conistra rubiginosa (Scopoli, 1763)			
Conistra intricata (Boisduval, 1829)			
Conistra rubiginea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Conistra staudingeri (Graslin, 1863)			
Conistra erythrocephala (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Jodia croceago (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Lithophane semibrunnea (Haworth, 1809)		Ressalto-dos-freixos	Devido às acentuadas protuberâncias no tórax presentes neste género, propomos o nome ressalto para o descrever. Registrando a sua dependência na fase larvar de freixos, deixamos esta espécie como ressalto-dos-freixos.
Lithophane ornitopus (Hufnagel, 1766)		Ressalto-dos-carvalhos	Na mesma linha da espécie anterior, nomeamos esta espécie de ressalto-dos-carvalhos.
Lithophane furcifera (Hufnagel, 1766)		Ressalto-dos-amieiros	Apesar de se alimentar também de outras árvores, cunhamos na proposta a árvore que deverá ser a principal da sua dieta larvar em Portugal.
Lithophane leautieri (Boisduval, 1829)		Ressalto-dos-ciprestes	Alimentando-se de ciprestes nativos e alóctones, achamos por bem usar o nome desse grupo de gimnospérmicas no nome desta traça.
Scotochrosta pulla (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Xylena exsoleta (Linnaeus, 1758)		Traça-lasca-de-madeira	DNAT

<i>Ipimorpha retusa</i> (Linnaeus, 1761)			
<i>Ipimorpha subtusa</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Cosmia diffinis</i> (Linnaeus, 1767)			
<i>Cosmia affinis</i> (Linnaeus, 1767)			
<i>Cosmia trapezina</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Cosmia pyralina</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Dicycla oo</i> (Linnaeus, 1758)		Traça-dos-ós	DNAT
<i>Atethmia algerica</i> (Culot, 1917)		Caduca-ibérica	Tal como as borboletas dos géneros <i>Xanthia</i> e <i>Cirrhia</i> , as do género <i>Atethmia</i> voam também no outono e exibem sempre tons que lembram essa estação. Esta espécie está globalmente praticamente restrita à Península Ibérica.
<i>Atethmia centrago</i> (Haworth, 1809)		Caduca-de-Bragança	Procuramos descrever a distribuição conhecida da espécie em Portugal com alguma alusão ao título nobiliárquico da mesma região.
<i>Brachylomia viminalis</i> (Fabricius, 1776)			
<i>Fissipunctia ypsilon</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Dryobota labecula</i> (Esper, 1788)		Botão-carrasqueiro	As lagartas das botão alimentam-se das folhas jovens de diferentes espécies de carvalho na primavera, pouco depois do botão rebentar. A do botão-carrasqueiro é particularmente fácil de detetar nos rebentos da planta que lhe dá nome.
<i>Griposia aprilina</i> (Linnaeus, 1758)		Traça-menta-da-noite	DNAT
<i>Dryobotodes eremita</i> (Fabricius, 1775)		Botão-oscilante	A botão-oscilante, entre as suas congéneres, é de longe a mais variável ao nível dos tons que exhibe.
<i>Dryobotodes monochroma</i> (Esper, 1790)		Botão-cinzentos	Como o epíteto específico <i>monochroma</i> indica, esta espécie apenas ostenta uma cor, o cinzento – claro nos machos e escuro nas fêmeas.
<i>Dryobotodes roboris</i> (Geyer, 1835)		Botão-verde	O verde é a cor principal desta espécie.
<i>Dryobotodes tenebrosa</i> (Esper, 1789)		Botão-sombrio	Como indica o restritivo <i>tenebrosa</i> , esta espécie é a que apresenta tons mais escuros entre as suas congéneres; geralmente com tendência para os castanhos.
<i>Antitype chi</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Ammoconia caecimacula</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Ammopolia witzenmanni</i> (Standfuss, 1890)		Traça-medronheira	DNAT
<i>Trigonophora flammea</i> (Esper, 1785)		Traça-flama-das-botas	Uma característica que aglutina as espécies do género <i>Trigonophora</i> é a sua marca reniforme em forma de bota, sendo isso mais evidente nesta espécie, na qual o nome <i>flama</i> é proposto com base no epíteto específico e nos tons quentes exibidos.
<i>Trigonophora crassicornis</i> (Oberthür, 1918)		Traça-pálida-das-botas	Sendo um dos detalhes diferenciadores do padrão face às suas congéneres, a parte terminal das asas anteriores ser clara, optou-se pelo uso do adjetivo <i>pálida</i> para descrever esta espécie.
<i>Trigonophora jodea</i> (Herrich-Schäffer, 1850)		Traça-castanha-das-botas	Na aparente falta de diferenças mais evidentes, os tons predominantemente castanhos parecem ser um bom ponto a destacar no nome proposto.
<i>Trigonophora haasi</i> (Staudinger, 1892)		Melancolia-descaída	Apesar desta espécie pertencer formalmente ao género <i>Trigonophora</i> , o seu padrão faz lembrar mais o género <i>Aporophyla</i> . Daí considerar-se o nome " <i>melancolia</i> ", proposto para as <i>Aporophyla</i> , mas " <i>descaída</i> ", por lhe faltar a típica marca em forma de bota das <i>Trigonophora</i> .
<i>Aporophyla chioleuca</i> (Herrich-Schäffer, 1850)		Melancolia-mediterrânica	Este grupo de borboletas é tipicamente outonal. Essa sazonalidade aliada ao seu aspeto monótono levou-nos a considerar " <i>melancolia</i> " como o seu nome nesta proposta. Entre todas esta é claramente a que mais prefere o clima mediterrânico.
<i>Aporophyla lueneburgensis</i> (Freyer, 1848)		Melancolia-atlântica	Fazendo o contraste com a espécie anterior, e tendo em conta a sua distribuição global, esta espécie foi associada ao outro lado da dualidade bem conhecida destas duas influências climáticas.
<i>Aporophyla nigra</i> (Haworth, 1809)		Melancolia-negra	Em concordância com o nome científico, a cor negra é o que melhor descreve esta borboleta.
<i>Aporophyla canescens</i> (Duponchel, 1826)		Melancolia-grisalha	Tendo tons variáveis entre o cinzento e o branco, grisalha parece ser um bom adjetivo para associar a esta espécie.
<i>Dasypolia templi</i> (Thunberg, 1792)			
<i>Polymixis lichenea</i> (Hübner, 1813)		Melancolia-de-verde	Considerando as parecências no padrão e na fenologia, o género <i>Polymixis</i> foi incluído nas traças-melancolia. Destacou-se nesta espécie a presença de tons verdes, característica que a distingue das suas relacionadas.
<i>Polymixis xanthomista</i> (Hübner, 1819)		Melancolia-estrelada	A presença de pontos amarelos dispersos pelo padrão lembram um céu estrelado.
<i>Polymixis argillaceago</i> (Hübner, 1822)		Melancolia-formosa	Destacando-se como a espécie mais exuberante deste grupo, propomos o nome de formosa para esta melancolia.
<i>Polymixis flavicincta</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Melancolia-estrelada-tardia	Com as mesmas características que inspiraram o nome da melancolia-estrelada, distinguimos esta

			com a característica de que, em geral, voa umas semanas mais tarde que a sua congénere.
<i>Polymixis dubia</i> (Duponchel, 1836)		Melancolia-dúbia	O nome proposto pretende remeter para o epíteto específico e para a grande variabilidade desta espécie.
<i>Mniotype occidentalis</i> Yela, Fibiger, L. Ronkay & Zilli, 2010			
<i>Panolis flammea</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Chispa-do-pinheiro	DNAT
<i>Orthosia incerta</i> (Hufnagel, 1766)		Aurora-incerta	Em contraste com as traças-melancolia, este grupo de borboletas é tipicamente primaveril, sendo muitas vezes os primeiros noctúdeos sazonais a ser detetados nas armadilhas no início da estação. Dessa forma, propomos para seu nome traças-aurora.
<i>Orthosia miniosa</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Aurorinha	Fazendo ligação ao seu restritivo específico, propomos o diminutivo de aurora para o nome desta espécie.
<i>Orthosia cerasi</i> (Fabricius, 1775)		Aurora-comum	A mais comum e bem distribuída do grupo.
<i>Orthosia cruda</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Aurora-severa	Remetendo para o significado de cruda, o epíteto específico da espécie, propomos um sinónimo mais usual.
<i>Orthosia gracilis</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Aurora-graciosa	Em sintonia com o restritivo específico.
<i>Orthosia gothica</i> (Linnaeus, 1758)		Aurora-gótica	Em concordância com o restritivo específico.
<i>Anorthoa munda</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Aurora-com-pinta	As duas pintas em cada asa anterior distinguem-na facilmente.
<i>Egira conspiciaris</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Tholera decimalis</i> (Poda, 1761)			
<i>Anarta pugnax</i> (Hübner, 1824)			
<i>Anarta trifolii</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Anarta gredosi</i> (de Laever, 1977)			
<i>Anarta sodae</i> (Rambur, 1829)			
<i>Anarta myrtili</i> (Linnaeus, 1761)			
<i>Cardepija sociabilis</i> (Graslin, 1850)			
<i>Polia nebulosa</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Pachetra sagittigera</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Lacanobia w-latinum</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Lacanobia thalassina</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Lacanobia contigua</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Lacanobia blenna</i> (Hübner, 1824)			
<i>Lacanobia oleracea</i> (Linnaeus, 1758)	Traça-de-olhos-castanhos-de-linha-brilhante (Biosani)		
<i>Melanchra persicariae</i> (Linnaeus, 1761)		Traça-noite-estrelada	DNAT
<i>Ceramica pisi</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Hada plebeja</i> (Linnaeus, 1761)			
<i>Mamestra brassicae</i> (Linnaeus, 1758)	Traça-da-couve (Biosani)		
<i>Sideridis turbida</i> (Esper, 1790)			
<i>Sideridis rivularis</i> (Fabricius, 1775)			
<i>Sideridis reticulata</i> (Goeze, 1781)			
<i>Luteohadena andalusica</i> (Staudinger, 1859)			
<i>Hecatera weissi</i> (Draudt, 1934)		Traça-malmequer-comum	Na fase larvar alimenta-se de asteráceas. É mais comum e abundante que a sua congénere.
<i>Hecatera dysodea</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Hadena bicruris</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Hadena magnolii</i> (Boisduval, 1829)			
<i>Hadena compta</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			
<i>Hadena confusa</i> (Hufnagel, 1766)			
<i>Hadena albimacula</i> (Borkhausen, 1792)			
<i>Hadena luteocincta</i> (Rambur, 1834)			
<i>Hadena filograna</i> (Esper, 1788)			
<i>Hadena perplexa</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-silene-perplexa	Na fase larvar alimenta-se de silenes. O restante nome advém do restritivo específico.
<i>Hadena sancta</i> (Staudinger, 1859)		Traça-silene-sagrada	Na fase larvar alimenta-se de silenes. O restante nome advém do restritivo específico.
<i>Hadena silenides</i> (Staudinger, 1895)			
<i>Mythimna conigera</i> (Denis & Schiffermüller, 1775)			Considerando os tons predominantes deste grupo de borboletas, assim como sua dependência de gramineas na fase larvar, propomos o nome traça-palha para os géneros <i>Mythimna</i> e <i>Leucania</i> .
<i>Mythimna pallens</i> (Linnaeus, 1758)			
<i>Mythimna impura</i> (Hübner, 1808)			

Mythimna straminea (Treitschke, 1825)			
Mythimna vitellina (Hübner, 1808)		Traça-palha-amarela	O tom amarelo é característico desta espécie, aspeto que é também reconhecido no seu restritivo que advém de vitelo = gema.
Mythimna unipuncta (Haworth, 1809)	Lagarta-das-pastagens (Biosani; Biodiversity4all)	Traça-palha-comum	É a mais comum entre as suas congéneres, principalmente em ambiente urbano.
Mythimna sicula (Treitschke, 1835)		Traça-palha-pequena	O tamanho reduzido destaca-se.
Mythimna prominens (Walker, 1856)			
Mythimna languida (Walker, 1858)			
Mythimna albipuncta (Denis & Schiffermüller, 1775)		Traça-palha-de-ponto-branco	Esta espécie apresenta um conspicuo ponto branco nas asas anteriores, característica que também lhe dá o nome científico.
Mythimna ferrago (Fabricius, 1787)			
Mythimna litoralis (Curtis, 1827)			
Mythimna l-album (Linnaeus, 1767)			
Mythimna riparia (Rambur, 1829)			
Leucania comma (Linnaeus, 1761)			
Leucania obsoleta (Hübner, 1803)			
Leucania zea (Duponchel, 1827)		Traça-palha-de-caniço	O caniço é uma das suas principais plantas hospedeiras.
Leucania putrescens (Hübner, 1824)		Traça-palha-podre	Em concordância com o restritivo específico.
Leucania punctosa (Treitschke, 1825)		Traça-palha-madura	Em contraste com a espécie anterior, esta é em geral muito menos rico em tons escuros, apesar do padrão semelhante.
Leucania joannisi Boursin & Rungs, 1952			
Leucania loreyi (Duponchel, 1827)		Traça-palha-brilhante	Esta espécie apresenta um brilho característico entre as suas congéneres, em resultado da reflexão da luz nas suas escamas.
Lasionhada proxima (Hübner, 1809)			
Brithys crini (Fabricius, 1775)	Rosca-das-dunas (Biodiversity4all)	Negra-das-dunas	DNAT
Peridroma saucia (Hübner, 1808)	Traça-da-rosca-variegada; traça-da-lagarta-rosca-variegada; nóctua-variegada; traça-de-asa-inferior-pérola (Biosani)	Traça-cicatriz	A maior parte dos exemplares desta espécie apresenta uma banda clara a atravessar o tórax, lembrando uma cicatriz. Esta característica foi considerada no seu nome científico (saucius = magoado) e no seu vernáculo francês (Noctuelle blessée).
Dichagyris flammatra (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Dichagyris constanti (Millière, 1860)			
Dichagyris nigrescens (Höfner, 1888)			
Dichagyris forcipula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Dichagyris fidelis (Joannis, 1903)			
Eucoptocnemis optabilis (Boisduval, 1834)			
Euxoa cos (Hübner, 1824)			
Euxoa conspicua (Hübner, 1824)			
Euxoa temera (Hübner, 1808)			
Euxoa oranaria (Bang-Haas, 1906)			
Euxoa obelisca (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Euxoa nigricans (Linnaeus, 1761)			
Euxoa tritici (Linnaeus, 1761)			
Agrotis bigramma (Esper, 1790)			Baseando-nos no nome inglês para várias espécies deste género, e aludindo ao destaque que a mancha claviforme tem no seu padrão, propomos o nome de traças-dardo para as Agrotis.
Agrotis obesa Boisduval, 1829			
Agrotis lata Treitschke, 1835		Traça-dardo-largo	Em concordância com a etimologia do seu restritivo específico.
Agrotis boetica (Boisduval, 1837)			
Agrotis chretieni (Dumont, 1903)			
Agrotis exclamationis (Linnaeus, 1758)			
Agrotis graslini Rambur, 1848			
Agrotis segetum (Denis & Schiffermüller, 1775)	Traça-da-rosca-do-nabo; traça-da-lagarta-rosca-do-nabo; nóctua-comum; traça-do-nabo (Biosani)	Traça-dardo-campestre	De acordo com a etimologia do seu restritivo específico.
Agrotis clavis (Hufnagel, 1766)			
Agrotis herzogii Rebel, 1911			
Agrotis charoae Yela, Fibiger, Zilli & Ronkay, 2010			
Agrotis sabulosa Rambur, 1837			
Agrotis alexandriensis Bethune-Baker, 1894			

Agrotis ripae (Hübner, 1823)			
Agrotis trux (Hübner, 1824)		Traça-dardo-crespo	Com base no epíteto específico.
Agrotis puta (Hübner, 1803)		Traça-dardo-puro	Com base no epíteto específico.
Agrotis catalaunensis (Millière, 1873)			
Agrotis ipsilon (Hufnagel, 1766)	Traça-da-rosca-preta; traça-da-lagarta-rosca-preta; nóctua-preta (Biosani)		
Agrotis spinifera (Hübner, 1808)		Traça-dardo-aguçado	Com base no epíteto específico.
Axylia putris (Linnaeus, 1761)			
Ochropleura plecta (Linnaeus, 1761)		Espalda-branca-curta	Seguindo o exemplo dos vernáculos ingleses e franceses, flame shoulder e le cordon blanc, propomos um nome que descreve as margens claras das asas posteriores destas duas espécies. A extensão do branco, assim como a envergadura desta borboleta, é menor do que na sua congénere.
Ochropleura leucogaster (Freyer, 1831)		Espalda-branca-longa	A extensão do "ombro" branco, assim como em geral a envergadura desta borboleta, é maior do que na sua congénere.
Diarsia brunnea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Diarsia rubi (Vieweg, 1790)			
Diarsia guadarrensis (Boursin, 1928)			
Cerastis rubricosa (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Cerastis faceta (Treitschke, 1835)			
Lycophotia porphyrea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Violaphotia molothina (Esper, 1789)			
Paucographia erythrina (Herrich-Schäffer, 1852)			
Epipsilia latens (Hübner, 1809)			
Rhyacia simulans (Hufnagel, 1766)			
Chersotis oreina Dufay, 1984			
Noctua pronuba Linnaeus, 1758	Traça-maior-de asa-inferior-amarela (Biosani)	Asa-velada-maior	As traças do género Noctua são conhecidas por esconderem um forte tom amarelo nas asas posteriores, em geral apenas visível em voo. Tendo isso em conta, propomos o nome de asas-veladas para este grupo. Esta espécie é a maior entre as suas congéneres.
Noctua fimbriata (Schreber, 1759)			
Noctua tirrenica Biebinger, Speidel & Hanigk, 1983			
Noctua orbona (Hufnagel, 1766)	Traça-lunar-de-asa-inferior-amarela (Biosani)		
Noctua interposita (Hübner, 1790)			
Noctua comes Hübner, 1813	Traça-menor-de asa-inferior-amarela (Biosani)	Asa-velada-menor	Tão ou mais comum que a asa-velada-maior, mas notoriamente mais pequena.
Noctua interjecta Hübner, 1803			
Noctua janthina (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Noctua janthe (Borkhausen, 1792)			
Epilecta linogrisea (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Xestia baja (Denis & Schiffermüller, 1775)			Em linha com o nome utilizado pelos ingleses para grande parte das espécies deste género, propomos o nome de rústicas.
Xestia stigmatica (Hübner, 1813)			
Xestia castanea (Esper, 1798)			
Xestia agathina (Duponchel, 1827)			
Xestia kermesina (Mabille, 1869)		Rústica-mediterrânica	Entre as suas congéneres presentes em Portugal, é a única que demonstra alguma preferência pela influência mediterrânica.
Xestia xanthographa (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Xestia sexstrigata (Haworth, 1809)			
Xestia c-nigrum (Linnaeus, 1758)		Rústica-comum	É a mais comum e com período de voo mais alargado entre as suas congéneres.
Xestia triangulum (Hufnagel, 1766)			
Eugnorisma glareosa (Esper, 1788)			
Eugnorisma arenoflavida (Schawerda, 1934)			
Naenia typica (Linnaeus, 1758)			
Meganola strigula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Meganola togatalis (Hübner, 1796)			
Meganola albula (Denis & Schiffermüller, 1775)			
Nola squalida Staudinger, 1871			Sendo um substantivo próprio utilizado para pessoas e locais, decidimos manter também Nola como o nome proposto para este género.
Nola cicatricalis (Treitschke, 1835)			

Nola confusalis (Herrich-Schäffer, 1847)			
Nola infantula Kitt, 1926		Nola-branca-ocidental	Apresenta uma distribuição atlanto-mediterrânica.
Nola subchlamydula Staudinger, 1871		Nola-branca-mediterrânica	Distribui-se por praticamente toda a bacia do mediterrâneo.
Nola thymula Millière, 1867			
Nola tutulella Zerny, 1927			
Nola cucullatella (Linnaeus, 1758)			
Bena bicolorana (Fuessly, 1775)			
Pseudoips prasinana (Linnaeus, 1758)		Saias-verdes	DNAT
Nycteola revayana (Scopoli, 1772)			
Nycteola columbana (Turner, 1925)			
Nycteola siculana (Fuchs, 1899)			
Nycteola asiatica (Krulikovsky, 1904)			
Garella nilotica (Rogenhofer, 1882)			
Earias clorana (Linnaeus, 1761)		Ervilha-nortenha	O nome ervilha vai de encontro ao reduzido tamanho destas borboletas e à sua cor predominante - o verde. A distribuição nacional conhecida desta espécie em particular levou à sua descrição como nortenha.
Earias albovenosana Oberthür, 1917		Ervilha-caiada	Apesar de ser uma característica frequente em exemplares das três espécies de traça-ervilha, nesta, a presença de escamas brancas sobre o fundo verde é mais evidente.
Earias insulana (Boisduval, 1833)		Ervilha-sulista	Na mesma linha da justificação para a espécie apelidada de nortenha, esta foi apelidada de sulista.

Abreviaturas: DNAT – Nome selecionado a partir das propostas recebidas pelo público através dos formulários publicados na revista Wilder. LVI – Livro Vermelho dos Invertebrados de Portugal Continental. PSeP – Guia “Os invertebrados do Parque das Serras do Porto”.